

A Bouquet à Angeja

(SEMANARIO)

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

Anno 1\$500, 8 mezes 1\$000, 4 mezes 500, Brazil 3\$000 reis. — Numero avulso no proprio dia 20 rs. Passado o dia 40 reis.

REDACTOR

RICARDO M. NOGUEIRA SOUTO

ANNUNCIOS E COMMUNICADOS

Por linha 40, Repetições 20, Reclames no corpo do jornal 50 reis. — Os snrs. assignantes tem 25 por cento de abatimento.

SUMMARIO

Discurso.
Julgado de paz em Angeja.
God save the queen — Antonio Jorge.
Representação dos estudantes do Porto contra a elevação de propinas.

Secção litteraria:

A mentirosa (conclusão) — Alphonse Daudet.
As ondinas (poesia) — Gonçalves Crespo.
Parabola (poesia) — João Chrysostomo.
Rivaes (poesia) — João Penha.
Irmã! (poesia) — Francisco Campos.
Paisagem (poesia) — Almeida Pinto.
Triolets (poesia) — Almeida Pinto.
Lologripho — Almeida Pinto.
Horas vagas — Narciso d'Albuquerque.

ANGEJA, 22 DE JUNHO DE 1887

Discurso proferido pelo sr. ministro do reino, José Luciano de Castro, na sessão de 3 de maio, e que devia ler-se a pag. 375, col. 2.ª, em resposta a um discurso do sr. Lopo Vaz.

(Continuado do n.º 15)

O sr. **Pinheiro Chagas**:—Combati na opposição ao lado de v. ex.ª, mas afastei-me quando insultavam a corôa e o parlamento.

Vozes.—Ordem, ordem.

Levanta-se grande sussurro na assembleia.

O **Orador**:—Se eu disse alguma coisa que podesse maguar o illustre deputado, declaro que não era essa a minha intenção.

O sr. **Pinheiro Chagas**.—Não me magoou.

O **Orador**:—Então se o não offendi, para que é que v. ex.ª se magoa tanto?

O sr. **Pinheiro Chagas**:—Eu deffendi-me.

O **Orador**:—Eu não o ataquei.

O sr. **Pinheiro Chagas**:—V. ex.ª é inexacto na sua affirmacão. Eu fui constituinte, e entrei no ministério quando o partido constituinte assim o determinou.

O **Orador**:—Quem lhe perguntou a v. ex.ª por isso? Quem o accusou?

(Interrupção do sr. Pinheiro Chagas).

Vozes:—Ordem! Ordem!

O **Orador**:—Pego perdão. Se eu dirigi a v. ex.ª qualquer phrase que o podesse maguar, retiro-a. Eu não discuto o passado do sr. Pinheiro Chagas; não o censuro; não o louvo nem o applaudo; apenas disse, dirigindo-me a s. ex.ª, que ainda tinha esperanças de que viesse a ser ministro commigo.

O sr. **Pinheiro Chagas**:—Engana-se.

O **Orador**:—Quando s. ex.ª me interrompeu lá eu entrar na demonstração d'esta minha temeraria affirmacão; e digo temeraria, porque s. ex.ª se escandalizou tanto. Eu disse que eramos n'esta casa

os unicos deputados opposicionistas, eu e o sr. Pinheiro Chagas. Tanto assim, que até n'essa epocha um jornal dizia: Hoje fallou na camara o sr. Luciano de Castro, e foi apoiado pelo seu numeroso amigo o sr. Pinheiro Chagas. Outras vezes dizia: «Hoje fallou o sr. Pinheiro Chagas, e foi apoiado pelo seu numeroso amigo o sr. Luciano de Castro.» [Riso].

Ora, foi aqui que contrahimos relações, para mim muito agradaveis, porque tive occasião de conhecer de perto as suas primorosas qualidades de orador e de camarada parlamentar. Mas um bello dia, inesperadamente, quando menos o pensava, o sr. Pinheiro Chagas surgiu nos bancos do poder, ao lado do sr. Fontes, que ambos tinhamos combatido vigorosamente!

Em vista d'isto, não posso eu ter ainda esperanças de que, por uma evolução politica qualquer, venha s. ex.ª sentar-se nos bancos do poder ao meu lado? Ha, por ventura, n'isto alguma cousa offensiva ao seu character? Affirmo que da minha parte não houve nem ha intenção alguma de maguar o illustre deputado. (Vozes:—Muito bem).

Mas vamos á questão. Estava eu fallando dos subsidios dos deputados, e dizia que o pensamento que inspirara o actual governo foi o mesmo que inspirou o sr. bispo de Vizeu; e que, todavia, o sr. Lopo Vaz não se indignou com esse procedimento, e antes o apoiou, assumindo uma parte da responsabilidade.

Ora, sendo isto assim, não me parece que s. ex.ª tenha o direito de censurar agora um acto similhante áquelle que n'essa epocha approvou. [Apoiados].

Em todo o caso da parte do governo não houve a menor intenção de desconsiderar o parlamento. Querendo affirmar o seu pensamento economico, não podia desaproveitar o ensejo de fazer uma economia tão importante, que é approximadamente de 50:000\$000 réis.

Mas o que se vê é que, se o governo promette fazer economias e as faz, queixam-se os illustres deputados; se promette fazel-as, e as não faz, queixam-se igualmente. [Apoiados].

Como ha de sair o governo d'esta difficuldade?!...

Logo que se faz qualquer economia insurgem-se os illustres deputados contra essa economia; se não faz insurgem-se do mesmo modo.

Assim não pôde ser. [Apoiados].

O illustre deputado, o sr. Lopo Vaz, tambem se referiu aos tumultos do Porto, e censurou acrememente o governo pelos abusos, e arbitrariedades ali praticadas.

Está annunciada uma interpellacão a este respeito pelo illustre deputado o sr. Arroyo. Eu já estou preparado para ella. Já estou munido dos documentos precisos para responder cabalmente ás accusações que s. ex.ª me queira fazer.

Não desejo, porem, antecipar esse debate. Direi apenas que, se o sr.

Arroyo e o sr. Lopo Vaz quizerem n'essa occasião apreciar o procedimento do governo, eu espero mostrar-lhes com documentos irrefragaveis que a ordem foi mantida, mas que não foi violada a lei nem offendida nenhuma liberdade. [Apoiados].

Aguardamos essa discussão, e então veremos se procedem as accusações do sr. Lopo Vaz contra o governo, ou se são verdadeiras e fundamentadas as palavras que acabo de proferir.

Manteve-se a ordem, e não foi offendida nenhuma liberdade. [Apoiados].

Os actos praticados pelo governo e as providencias adoptadas pelas auctoridades foram as necessarias para manterem o socego publico, e a liberdade dos cidadãos, a sua propriedade, que tambem tem direito a ser deffendida. [Apoiados].

Mas diz-se que se fizeram prisões.

E' verdade; fizeram-se prisões. Mas como queriam os illustres deputados que não se fizessem prisões, se centenaes, ou antes milhares de operarios vinham para a rua tumultuar, fazer desordem, desacatar as auctoridades desobedecendo aos seus mandados?

Que queriam que se fizesse? [Apoiados].

O sr. **Arroyo**:—E v. ex.ª ha de provar tudo isso. Ha de provar que os operarios fizeram desordens, desacataram a auctoridade e desobedeceram aos seus mandatos!...

O **Orador**:—E e o illustre deputado tambem ha de provar os factos pelos quaes differentes vezes me tem accusado.

S. ex.ª sabe que não lhe nego os meios para isso. Tenho dado as ordens precisas para que venham a esta camara os documentos necessarios a fim de que a opinião forme o seu juizo imparcial a este respeito.

Não receio ser contrariado por documentos que s. ex.ª possa obter, quando digo que se houve culpa por parte da auctoridade, foi a de ser demasiadamente benevolente. [Apoiados].

Quando foi necessario affirmar o respeito ás leis, as auctoridades procederam com a energia indispensavel, mas durante os primeiros dias d'aquelles acontecimentos, s. ex.ª sabe que houve por parte das auctoridades toda a lenidade, e brandura.

Tanto o governo como a auctoridade eram os primeiros interessados em evitar acontecimentos deploraveis.

Quaes foram as violencias que se praticaram? Prenderam-se muitos individuos? E' verdade. Foram soltos pelo poder judicial? Tambem é verdade; mas alguém ignora que quando ha tumultos ou desordens em que entram centenaes de pessoas, muitas vezes se prendem individuos que n'elles não tomaram a minima parte?

O que eu digo ao illustre deputado é que não antecipe o seu juizo.

Alguns presos foram soltos por

ordem do poder judicial e não podia deixar de ser assim, porque o crime não era d'aquelles que exigem pres-tação de fiança.

O que posso dizer a s. ex.ª é que no governo civil do Porto ainda se está procedendo a averiguações, e por isso só depois d'essas averiguações serem remettidas ao poder judicial, é que s. ex.ª poderá formar bem a sua opinião e dizer se houve ou não violencias. Por ora é cedo.

(Continúa).

Julgado de Paz em Angeja

Foi no ultimo sabbado apresentado ao parlamento pelo sr. dr. Barbosa de Magalhães, um dos deputados do nosso districto, um projecto de lei para a creação d'um julgado de paz em Angeja.

Este projecto foi elaborado e ha dias enviado para Lisboa pelo ex.ª sr. dr. Augusto Maria de Castro, que, com toda a hombridade de que é capaz, tem mostrado verdadeiro interesse pelo engrandecimento d'esta extincta villa.

A creação d'este julgado, altamente fundamentada pelas razões apresentadas no referido projecto, é de immenso alcance para os povos d'esta terra. A população d'Angeja actualmente na cifra de 2:000 almas, é n'uma boa parte, composta de pessoas que o quasi continuo trabalho dos nossos vastos campos aqui tem attrahido. Acontece quasi sempre que muitas d'estas pessoas despresando o trabalho que lhes offerece o lavrador, governam a sua vida subtrahindo estrumes, creando e vendendo gados, invadindo constantemente para a sua sustentação as propriedades dos lavradores, produzindo n'ellas estragos insupportaveis, que ficavam a maior parte das vezes por punir, attenta o incommodo que isso causava, em virtude da distancia a que fica a cabeça de comarca. Porem, com a creação do julgado, ha toda a facilidade em reprimir esses abusos, em disciplinar e moralisar mais o povo incutindo-lhe todo o respeito pelo albeio e proteger a ordem. Isto tem tambem a grande vantagem de fazer dedicar mais ao serviço agricola esses individuos que até aqui viviam só de explorar o lavrador e a sua propriedade.

E' melhoramento cuja utilidade a pratica melhor comprovará. Parece-nos, pois, de toda a justiça a creação d'este julgado em Angeja, e estamos certos que o parlamento na sua maior parte empenhado em ser util e agradável aos povos como deve, não recusará a sua sancção áquelle projecto.

GOD SAVE THE QUEEN

N'estas palavras sanda Inglaterra a sua estremecida soberana, com toda a emphase que lhe inspiram o patriotismo britânico e o entusiasmo das grandes commoções.

Ha cincoenta annos que a rainha Victoria empunha o scetro da convulsa patria de Shakespeare. Cincoenta annos—meio seculo—é um periodo que mal se comporta ás vezes na simples vida d'um pacifico mortal; e a rainha Victoria, não se vergando ao peso das suas armas, nem á fadiga de presidir por tão longo tempo á supremacia do poder, dá-nos o mais frisante exemplo da desigualdade da condição humana.

Nascer rei é cousa facil, basta o acaso do nascimento determinar a sua existencia, mas a augusta rainha de Inglaterra não o é pela simples mercê do acaso, é-o pela superioridade do seu espirito que se impõe; pela magnanimidade do seu coração, sempre aberto á mais levantada phylantropia; pela energia do seu caracter, energia excepcional no seu sexo, é-o pela duração do seu immenso povo.

Por isso nos vastos dominios da sua corôa, desde o oriente até ao norte, na Europa, Asia e Africa todos celebram com jubilo o quinquagenario dia da sua coroação; celebram-no todos a uma voz, com unico sentimento, n'uma inexcedivel comunidade das ideias, n'uma verdadeira confraternisação, que é a mais bella pompa d'uma festa civil.

Fundam-se hospitaes, criam-se eschololas, sobre o marmore e sobre o carvalho, nas cidades e nas aldeias grava-se a memoria faustosa d'esse dia. Cinco mil creanças intoarão o patriotico hymno bem dizendo o nome prestigioso da excelsa soberana.

Chega a parecer phantastico que uma debil organisação feminina, attingindo a sensibilidade, possa impôr tanto, e inspirar tantos entusiasmos.

E' um fremito, uma febre, um delirio essa apothese.

E' por certo o maior triumpho da nobre imperatriz das Indias, porque exprime a grande superioridade do seu espirito comprehendendo a alma popular, em cujas vibrações se felicitava, se remoça e vive.

E' tão intima a sympathia do povo inglez pela grande soberana, que ao fim do toast, nas expansões festivas, como que automaticamente, todos, com essa embriaguez nativa do seu temperamento procuram deliciar-se n'aquella bella musica — *God save the queen*—.

E' a nota mais sympathica e bella de quantas honram o caracter do nobre povo de Gram-Bretanha.

Antonio Jorge.

Representação dos estudantes do Porto contra a elevação de propinas.

Foi enviada ao parlamento pelos estudantes da Eschola-medica e Academia do Porto, a representação que publicamos. N'ella se exhi-

be em muito poucas palavras a inconveniencia e injustiça que ha em onerar a classe estudiosa, a qual tem já a superar innumeradas difficuldades.

Estamos certos que o nosso parlamento não será indifferente ás reclamações da mocidade trabalhadora que constitue sempre uma classe importante e illustrada, cheia de aspirações e de actividade. E' nma das poucas classes que ha, onde o suborno e corrupção ainda não conseguiram entrar.

Como tal tem plenissimo jus a ser ouvida nas suas justas petições e respeitada a area dos seus direitos.

Senhores deputados da Nação Portuguesa:

Considerando que a instrucção, base das sociedades modernas, deve ser largamente diffundida, e que ás classes dirigentes compete destruir todos os obstaculos que possam estorvar esse desenvolvimento.

Considerando mais que os cursos superiores não podem nem devem ser o apanagio das classes privilegiadas da fortuna, suffocando d'este modo notaveis aptidões e estabelecendo revoltantes desigualdades;

Considerando ainda que as matriculas actuaes são já bastante onerosas, se attender á escacez do material d'estudo de que dispõem os nossos estabelecimentos superiores, os quaes nada parece terem a lucrar com o augmento proposto;

Por isso, os estudantes dos cursos superiores do Porto, surpreendidos pela desagradavel noticia d'esse consideravel augmento de propinas que se pretende submitter á approvação do Parlamento, veem por este meio, escutados na justiça da sua pretensão, confirmada nos considerandos expostos, sollicitar de Vós, Senhores Deputados, a defeza dos seus direitos que d'este modo ficam altamente aggravados e notavelmente compromettidos. A rectidão da sua causa, que encontrou um ecco sympathico em todas as outras classes do paiz, deve certamente receber da vossa parte o mesmo acolhimento, visto que sois os seus representantes legaes e por consequencia os advogados naturaes dos seus interesses.

(Seguem-se mais de 500 assignaturas).

NOTICIARIO

Prevenção. — Pedimos aos nossos bondosos assignantes que na occasião de ferias tiverem de mudar de terra, a fineza de nos mandar prevenir para continuarem a receber o nosso jornal com a regularidade que todos desejamos.

Declaração. — O sr. Annibal Vasco Leão não continúa d'ora ávante a fazer parte da redacção d'este jornal.

Reparação das obras da igreja d'Angeja. — Progridem activamente estas obras que tão necessitadas estavam. Ha dias que trabalham ali 16 pessoas.

Está já descoberto todo o telhado e demolida quasi toda a parede norte.

Os empreiteiros e mestre d'obras parecem ter vontade de a dar coberta já em agosto proximo. Parece que a parede norte dos altares, contigua

á já demolida, não offerece garantias de segurança. E' conveniente e mesmo indispensavel examinal-a bem antes de continuar com a obra. Será bom que não fiquem remendos que prejudiquem o todo.

Haja a maxima cautella na inspecção e direcção dos trabalhos. Se apparecerem defeitos não hesitaremos em verberar os culpados, sejam elles quaes forem.

Cemiterio. — A junta de parochia anda tratando da expropriação dos terrenos para a construcção do cemiterio, que constitue uma das necessidades mais urgentes da freguezia. Parece que a junta usa de toda a benevolencia e prudencia para com os donos dos terrenos expropriados e deseja com toda a harmonia resolver essa questão que parecia inter'navel. Folgamos poder registrar este facto. Oxalá assim proceda até ao fim para não levantar attritos que podiam abrir seisação na freguezia.

Lux et Charitas. — Recebemos e muito agradecemos a publicação do n.º unico d'um jornal com este titulo, que ha dias sahio publicado no Porto sob a direcção do sr. Daniel d'Abreu Junior, um rapaz activo, intelligente e emprehendedor, redactor d'um jornal litterario e satyrico, *Mel e Fel*, que em breve vae apparecer.

Lux et Charitas estava destinada a sahir pela occasião da festa que o Gymnasio Lauret e Sala d'Armas projectava celebrar em beneficio da creche de S. Vicente de Paula, Real Hospital de Creanças Maria Pia e Eschola Marquez de Pombal.

Como obstaculos imprevistos impediram a realisação d'aquella festa, o sr. Daniel d'Abreu Junior, resolveu, a expensas suas, publicar o dito jornal e distribui-lo gratuitamente. Sahiu muito bonito, muito bem impresso e distinctamente collaborado. Entre os seus collaboradores notam-se João de Deus, Camillo Castello Branco e as ex.^{mas} sr.^{as} D. Guiomar Torresão, D. Alice Hoderno, D. Albertina Paraiso, D. Francisca Baccellar e D. Adelaide Sophia de Sousa Brandão, etc.

Erratas. — Em consequencia d'um descuido do revisor, passaram nos numeros 14 e 15, alguns erros nos artigos dos nossos collaboradores A. Leão Martins e João Chrystostomo, intitulos — *Carta e Noiva*.

Pedimos desculpa ao nossos amigos e collaboradores d'esta falta.

Parabens. — Está livre de perigo e bastante melhor, o que sinceramente estimamos, a sr.^a D. Maria José Soares Ferreira, esposa e cunhada dos nossos amigos, os snrs. José Martins de Pinho e padre Manoel Martins de Pinho.

Instrucção primaria. — O sr. Simões Dias apresentou ao parlamento um projecto, melhorando a situação dos professores de instrucção primaria. O sr. presidente do conselho referindo-se ha dias a esse projecto, disse que o havia examinar delidamente e introduzir-lhe um aditamento regulando o pagamento aos professores e pol-osem dia, embora para isso tivesse o thesouro de fornecer as sommas necessarias.

Folgamos com este procedimento do nobre presidente do conselho, pois até aqui o modo como estava organizado o ensino primario constituia uma das nossas maiores vergonhas.

O sr. ministro da Fazenda. — Um dos primeiros economismos

da Europa referindo-se ha dias á gencia financeira do sr. Marianno de Carvalho, fez-lhe os mais rasgados elogios, terminando por dizer que Portugal teve um futuro financeiro brilhante.

Sentimos. — Em consequencia da enfermidade que força a retirar para as caldas o nosso amigo Aurelio Ribeiro da Silva Coelho, proprietario do jornal *Villanovense*, que se publica em Villa Nova de Famalicão, suspendeu temporariamente a publicação d'esta folha, promettedo continuar logo que o seu proprietario se restabeleça da sua doença.

Estimamos, pois, as melhoras do nosso amigo e collega.

Incendio na praia da Granja. — Sexta-feira passada, na freguezia de S. Felix da Marinha, um violeto incendio reduziu a cinzas a casa e haveres d'um pobre rendeiro de nome Francisco Andrade, apparecendo carbonizada nos escombros nma sua filha, de 3 a 4 annos de idade. Em quanto os paes regavam um campo da visinhança, supõe-se que a criança tivesse deitado fogo a uma porção de palha que havia n'um compartimento, porque n'um repente, a casa appareceu toda em chammias.

O toque de sinos a rebate fez acudir muito povo ao local podendo-se ainda salvar o gado d'um aido proximo e evitar que o incendio se communicasse á habitação do senhorio, o sr. Albino da Silva Aroso, e á do reitor da freguezia.

O desespero dos infelizes pais a todos commoveu. Os prejuizos são calculados em cerca de 300\$000 rs.

Caudelaria de Coimbra. — O sr. barão da Torre de Pero Palha foi nomeado director da caudelaria de Coimbra.

Sua ex.^a parte bremente para Inglaterra, com o fim de fazer requisição de alguns cavallos destinados á mesma caudelaria.

Offerta de 1.000 francos. — O dr. Donaden, offerece esta avultada quantia, a quem indicar o paradeiro da señorita Martinez Campos.

Um artigo do jornal *Gaulois* considera o rapto, obra de um bando de individuos, trabalhando com a mira no interesse.

Continuam a circular affirmações contradictorias com respeito á señorita Campos ter sido ou não consentidora no rapto.

A Penitenciaria. — Apparecerá no dia de S. João, á venda, um livrinho com o titulo que nos serve de epigraphe, e de que é author, o nosso amigo e collega, Antonio João da Silva, redactor do *Artilheiro*.

Segundo nos affirmaram, é dedicado a S. M. a Rainha a sr.^a D. Maria Pia.

Esperamos anciosos pela sua nova produção, para lhe enviarmos um aperto de mão.

Modificação. — Já appareceu o decreto modificando a exigencia das habilitações litterarias ao concorrentes a logares da guardas de bibliotheca e dos gabinetes de fisica, quimica e historia natural dos lyceus.

Nomeação. — Foi nomeado sub-delegado da 3.^a vara da comarca do Porto, o sr. José Correia Pacheco.

Fraco acolhimento. — Os jornaes italianos dizem que Alexandre Dumas e Renan acabam de ser assás maltratados na Italia.

Ordens pollicias. — Foi ordenado aos guardas civis andarem sempre uniformizados, mesmo fóra do serviço.

SECÇÃO LITTERARIA

A MENTIROSA

(Conclusão)

Que tempo feliz de trabalho e de confiança!

De nada desconfiava. Tudo quanto me dizia tinha um ar tão verdadeiro, tão natural! Só lhe censurava uma cousa. Algumas vezes fallando-me das casas onde ia, das familias das suas discipulas, vinha-lhe uma abundancia de detalhes phantasticas, de intrigas imaginarias que ella inventava fatalmente. Tão serena, via sempre o romance em volta de si, e a sua vida passava-se em combinações dramaticas. Estas chimeras perturbavam a minha felicidade. Eu, que queria afastar-me do resto do mundo para viver encarcerado junto d'ella, encontrava-a muito occupada com cousas indifferentes. Mas podia bem perdoar este senão a uma mulher nova e infeliz, cuja vida tinha sido até alli um romance bem triste sem desfecho provavel.

Só uma vez tive uma desconfiança, ou antes, um presentimento.

Um domingo á noite não entrou em casa. Estava inquieto. Que havia de fazer? Ir a Saint-Germain? Podia compromettel-a. Depois d'uma noite horrivel, estava decidido a partir, quando ella entrou toda pallida, toda perturbada... A irmã estava doente. Tinha ficado para tratar d'ella. Acreditei no que me disse, sem desconfiar d'esta onda de palavras brotando á mais insignificante pergunta, afogando sempre a ideia principal sob uma multidão de detalhes inuteis, a hora da chegada, um empregado muito descortez, um atrazo do comboio.

Duas ou tres vezes na mesma semana tornou a ficar em Saint-Germain; depois a doença acabou, e ella continuou a sua vida regular e tranquilla.

Infelizmente, passado algum tempo, tambem cahiu doente. Um dia voltou das suas lições, trémula, febril. Declarou-se-lhe um resfriamento, que tomou em poucos dias um aspecto bem grave, e o medico declarou que estava irremediavelmente perdido. Tive uma dôr immensa. Depois só pensei em tornar-lhe mais dôces as ultimas horas que lhe restavam. Esta familia que amava tanto, de que era tão gloriosa, hei de trazer-a ao leito da moribunda. Sem nada lhe dizer, escrevi primeiro a sua irmã, para Saint-Germain, e corri a casa de seu tio, o grande rabbi. Não sei a que hora impropria eu cheguei... Creio que o bravo rabbi preparava-se para jantar. Veio todo assustado e recebeu-me na ante-câmara.

Disse-lhe.

—Ha momentos em que se devem esquecer todos os odios...

Encarou-me verdadeiramente espantado.

Continuei:

—Sua sobrinha está ás portas da morte...

—Minha sobrinha! Mas eu não tenho nenhuma sobrinha. O senhor engana-se.

—Por quem é, peço-lhe que esqueça esses odios de familia... Estou-lhe fallando de madame Deloche, a mulher do capitão.

—Não conheço madame Deloche.

O senhor, está enganado, affianço-lhe.

E, docemente, encaminhava-me para a porta, tomando-me por um mystificador ou por um doido... O que acabava de ouvir era inesperado, terrivel... Tinha-me mentido... Porque?! De repente accode-me uma ideia. Fui a casa d'uma das suas discipulas em que me fallava sempre, a filha d'um banqueiro muito conhecido.

Pergunto ao criado:

—Madame Deloche?

—Não é aqui.

—Sei perfeitamente... E' uma senhora que dá lições de piano ás meninas.

—N'esta casa não ha meninas nem piano... Não sei o que o senhor quer dizer.

E fecho-me a porta na cara com mau modo.

Não fui mais longe nas minhas pesquisas. Estava certo de encontrar por toda a parte a mesma resposta. Quando entrei na nossa pobre cazita deram-me uma carta com a marca de Saint-Germain. Abria-a sabendo já o que ella continha. O guarda geral tambem não conhecia madame Deloche. E não tinha nem mulher nem filhos.

Foi o ultimo golpe. Assim, durante cinco annos, cada uma das suas palavras tinha sido uma mentira... Mil ideias de ciúme cercaram-me n'um momento; e perdido, sem saber o que fazia, entrei no quarto onde ella estava prestes a morrer.

Todas as cousas que me atormentavam cahiram de chofre sobre este leito de dôr.

—Que tinha que fazer em Saint-Germain todos os domingos?... Em casa de quem passava os dias?... Onde é que ficou n'aquella noite?...

Ande, responde-me!

E inclinei-me sobre ella procurando no fundo dos seus olhos ainda altivos e bellos as respostas que esperava com angustia; mas conservou-se muda, impassivel.

Recomecei, tremulo de raiva:

—Não dava tal lições! Tenho andado por toda a parte! Ninguem a conhece...

D'onde vinha então esse dinheiro, essas joias?

Lançou-me um olhar d'uma tristesa horrivel, e foi tudo... Na verdade devia tel-a poupado, deixal-a morrer em repouso... Mas tinha-a amado muito. O ciúme era mais forte do que a piedade.

Continuei:

—Enganaste-me durante cinco annos. Mentiste-me todos os dias, a todas as horas... Conheces toda a minha vida e eu nada sei da tua. Nada nem mesmo o teu nome!

Porque não te pertence, não é verdade? este nome de que tu usas... Mentirosa! mentirosa! Dizer que vae morrer e não sei com que nome a hei de chamar...

Então, quem és tu? D'onde vens?

Que vieste fazer na minha vida?...

Mas falla. Diz alguma cousa!

Baldados esforços! Em vez de me responder, voltou tristemente a cabeça para a parede, como receando que o seu ultimo olhar me revelasse o seu segredo...

E foi assim que ella morreu, a desgraçada! Mentirosa até ao fim...

Alphonse Daudet.

AS ONDINAS

Na praia tranquilla murmuram sonoras
As ondas do mar.
E no dôce das aguas murmurio palreiro,
Na areia dormita gentil cavalheiro
A' luz do luar.

As bellas ondinas emergem das grutas
De vivo coral,
Acorrem ligeiras, e apontam, sorrindo,
O moço que julgam deveras dormindo
No argenteo areal,

Vem esta, e perpassa de gorro nas plumas
As mãos de setim.
E aquella, com gesto divino, gracioso,
Nos ares levanta do joven formoso,
O aureo talim.

Ess'outra, que lavas, que fogo não vibram,
Seus olhos de anil!
Debruça-se e arranca-lhe a rutila espada,
Nos copes brilhantes se apoia azougada,
Travessa e gentil.

A quarta, saltando, retouça, lasciva,
Do moço em redor;
Suspira mansinho, de manso murmura
"Podesse eu em vida gosar a ventura
Do teu fino amor!"

A quinta rebeija-lhe as mãos, enlevada
N'um sonho feliz,
E a sexta, com tremulo e dôce esquivança,
Perfuma-lhe a bocca, formosa creança!
Com beijos sublis...

E o moço, fingindo que dorme tranquillo,
Não quer acordar.
E deixa que o abracem as bellas ondinas,
E languido gosa caricias divinas
A' luz do luar...

Gonçalves Crespo.

Parabola

O lyrio beijou a rosa,
e disse-lhe, allucinado:
—"Tens um'alma perfumosa
dentro d'um corpo gelado.

Porque não dás teu amor
a um infeliz como eu,
que nunca teve calor
D'um olhar azul do ceu.

E a branca rosa orvalhada
de frescas scintillações
da manhã immaculada,
que embriaga os corações,

responden-lhe quasi exange
—"Tens a forma d'um punhal...
A tua côr lembra o sangue...
Foge de mim cannibal.

E o lyrio sem consciencia,
todo tremulo, febril,
em lampejos de demencia,
rigorosos como abril

deixou cahir o seu pranto
branco e puro como o sol.

Tinha um coração de santo,
um sentir de rouxinol.

João Chrysostomo.

RIVAES

Eu tenho duas amantes,
O primor das margaritas:
Duas estrophes brilhantes
Por um Deus na terra escriptas.

Uma loira, timorata;
E' mais fria e taciturna
Do que os noivos da ballata
Da triste canção nocturna.

Tem no labio um riso honesto
Nos olhos um ceu tranquillo
E no marmoreo do gesto
Vencera a estatua de Milo.

Por um só ramo de flores
Deu-me em troco o amor das valsas;
Mas no lago dos amores
Já me vou nas ondas falsas!

A outra, alegre e ruidosa,
Não como a Elvira, a flor branca.
Dobrára a paixão vaidosa
De Jorge de Salamanca.

Ninguem, se a vir, que não peque,
Ninguem, se a vir, que não sinta,
Por beijar-lhe a mão e o leque
Uma volupia faminta.

Por um só ramo de flores
Deu-me as honras de seu pagem;
Mas no lago dos amores
Já vou perto das voragens!

Eu tenho duas amantes,
O primor das margaritas;
Duas estrophes brilhantes
Por um Deus na terra escriptas.

João Penha.

IRMÃ ?

Irmã! meu bem, pharol que m'illumina
N'este viver incerto e soffeder
Com a luz de seus olhos diamantina;

Irmã! anjo leve, e bom, cheio d'amor
Pudico, fraternal, tão innocente
Como um prado virente ou branca flor;

Irmã! estrella boa, resplendente
Como as gottas d'orvalho n'uma rosa
O são á luz do sol encandescente;

Irmã! pomba que enxuga pressurosa
A lagrima atrevida que caindo
Vae-lhe molhar o seio côr de rosa;

Irmã!... tu és o sol que vae subindo!

Eu, um dia, contei-lhe a minha magua.
E ella tão innocente
Sentiu os castos olhos rásos d'agua,
E partilhava a minha dor contente.

Contente, sim! porque ella, que me quer
Como... a Jesus emfim...
—Oh! como eu te amo, irmã! casta mulher,
Pequei!... Mas tu perdôas, não é 'sim?!

Hoje sinto pesar de ter amado
A barragã impura de deteijos;
Hoje sinto pesar de ter queimado
Os meus labios nos seus impuros beijos,

E Tu, mulher fatal que me lançaste
No abysmo do vicio — o lodçal
Onde a rosa — candor já arrastaste —
Triste d'este amor sentimental:

—Sempre vejas luzir no teu destino
A maldicção que d'aqui — já lavado
Da impudicia de meu desatino —
Com fúrias infernaes te hei lançado.

Porto—87.

Francisco Campos.

PAISAGEM

Era n'um dia santo.
Por sob uma ramagem,
Tremula pela aragem
E orvalhada do rócio,
Um moço e moça estão
Com todo o seu ardor
Em colloquio d'amor,
Passando as horas d'ocio.

Aqui e ali se veem
Jovens de peitos rudes
(A par, suas virtudes)
Com o seu varapau;
Vão lentos á Ermida
Com parva devoção,
Dão a esmola p'ra a mão
Do homem de balandrau.

Depois de dita a missa
Vae esta santa gente,
Silenciosamente,
P'las aléas sombrias
Para as suas chonpanas,
Descançar as fadigas,
Felizes sem intrigas,
Ao menos n'estes dias.

Moças rindo e correndo
Deixam embasbacados,
Atraz seus conversados,
Dizendo: até mais ver...
Toca ás Ave-Marias,
E por este motivo
Deixam o seu captivo,
Vão para casa a correr.

N'um campo verdejante
O melro desafia
A lêda cotovia,
Mas debalde gorgeia.

Sobre aquellas cabanas,
Morcegos adejando,
Ao povo vão mostrando,
As horas d'ir á ceia.

Almeida Pinto.

TRIOLETS

XIII

Na luz do teu doce olhar,
Quando me fitas creança,
Um sol d'amor vou a-bar
Na luz do teu doce olhar.
Mostra-me sempre a esperança
Dalgum dia te gosar.
A luz do teu doce olhar,
Quando me fitas creança.

XIV

Embalado n'essa creança
Eu vivo mais satisfeito
Esta morosa detença.
Embalado n'essa creança,
Eu sinto dentro em meu peito
Uma paixão mais intensa.
Embalado n'essa creança
Eu vivo mais satisfeito.

XV

Oh! anjo que eu tanto adoro
Com uma excelsa afeição,
Só uma cousa deploro
Oh! anjo que eu tanto adoro;
Não ver's o meu coração
E as lagrimas que choro,
Oh! anjo que tanto adoro
Com uma excelsa afeição.

XVI

A primeira vez que vi
O teu rosto tão angelico,
Nem eu sei o que senti
A primeira vez que o vi.
Julguei-o d'um ente celico,
Ou d'um meigo colibri,
A primeira vez que vi
O teu rosto tão angelico.

Almeida Pinto.

LOGOGRIPHO

(Em retribuição ao do snr. N. d'Albuquerque)

Não me admiro que o amigo
Diga que uma Aureliana
Seja mais bella que Venus...
Pois já o Pedro Banana

Chamou á Lua um espeto, — 4,7,5,1,10,2,10,6,4
A um espeto, guarda chuva, — 10,5,9,3,7,2,12
A um jaleco uma calça, — 5,12,9,4,7,11,3
E a uma calça uma luva, — 9,3,11,3,4,10,4,5.

Eu desde já o predigo,
Que com este logogrifo
Ha de se ver ás aranhas...
Não faça caso o amigo
Do termo que vae em grypho.

Almeida Pinto.

HORAS VAGAS

CHARADA EM VERBO

«Eu bebo
«Tu bebes
«Elle bebe
«Nós bebemos
«Vós bebeis
«Elles bebem—3

«Eu tenho
«Tu tens
«Elle tem
«Nos temos
«Vós tendes
«Elles tem—1

—C.—

«Eu bebo
«Tu bebes
«Elle bebe
«Nós bebemos
«Vós bebeis
«Elles bebem.

Porto.

Narciso d'Albuquerque.

Decifrações do numero antecedente

Da charada novissima: — Douto.

Do logogrifo: — Jacintho.

Da charada em verbo: — Leitecreme.

De enigma: — Axis.

Da charada telegramma — Galera.

em losango C

M A L

M A M A O

C A M A U R O

L A U R A

O R A

O

Da charada em quadro S A R A

A N I L

R I T A

A L A O

Da charada enigmatica — Galocrista.

Da charada em triangulo M A R I A

A R I A

R I L

I A

A

Narciso d'Albuquerque.

PEROLA

VALSA PARA PIANO

POR

ANNIBAL VASCO LEÃO

A' venda na rua do Pinheiro, 61

Preço . . 600 reis.

ANNUNCIOS

VERNIZES DE HARRISON BOWDEN & C.^a
UNICOS DEPOSITARIOS

Baptista & Barbot, largo de S. Domingos, 78, e rua de Santo Ildefonso, 87.

Silva & Teixeira, praça de D. Pedro, 105.

José Martins Ribeiro, rua do Almada, 230.

Evangelista José da Silva, rua do Bomjardim, 380.

Recommenda-se com
especialidade as marcas
FLATTING e CRYSTAL.
tanto de primeira como
de segunda qualidade.



E' já bem conhe-
cida a superioridade
d'estes vernizes.

Dá-se amostras a
quem as pedir

PREÇOS

Verniz Flattig, de 1.^a qualidade, galão, 25200 reis;—de 2.^a, 15800 reis.
Verniz Crystal, de 1.^a qualidade, galão, 25200 reis;—de 2.^a, 25000 reis.

Desconto para revender.